

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE INHUMAS  
CURSO: BACHARELADO EM PSICOLOGIA

ANA PAULA RODRIGUES MUNIZ

**O IMPACTO DA MORTE DO FILHO NA CONJUGALIDADE DO CASAL SOB A  
PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA**

INHUMAS-GO  
2024

ANA PAULA RODRIGUES MUNIZ

**O IMPACTO DA MORTE DO FILHO NA CONJUGALIDADE DO CASAL SOB A  
PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte do requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Inhumas, sob orientação da Prof. Ma. Lílian Barbosa de Moraes.

INHUMAS – GO  
2024

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**

Embasado na Lei Federal nº 9.610, de fevereiro de 1998, e na qualidade de titular dos direitos autorais, AUTORIZO, a Universidade Estadual de Goiás (UEG) a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional da UEG (Ri/UEG), regulamentado pela Resolução CsU nº 1107/2023, sem ressarcimento de direitos autorais, em consonância com a permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção científica na UEG, a partir desta data, sendo assegurado o direito ao embargo temporário da publicação em sua totalidade, à exceção dos metadados, no repositório em razão de patente ou publicação de livro e/ou artigo científico.

### **1. IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Monografia (graduação);                     | <input type="checkbox"/> Artigo científico;  |
| <input type="checkbox"/> Relatório técnico;                          | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro   |
| <input type="checkbox"/> Plano de negócios;                          | <input type="checkbox"/> Livro               |
| <input checked="" type="checkbox"/> Revisão de literatura;           | <input type="checkbox"/> Projeto de Software |
| <input type="checkbox"/> Produto técnico e educacional - Tipo:_____. |  |

Nome completo do autor: **Ana Paula Rodrigues Muniz**

Matrícula: **22018000848**

Título do trabalho: **O impacto da morte do filho na conjugalidade do casal sob a perspectiva da psicologia.**

Curso / Programa: **Bacharelado em Psicologia**

Câmpus / Unidade / Polo: **Unidade Universitária de Inhumas /UEG.**

Data de defesa: **19/06/2024**

### **2. RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO**

Os casos de restrição de acesso, previstos em regulamento, poderão ser embargados por um período de até 12 (doze) meses a partir da data de defesa. Havendo justificativa o período poderá ser prorrogado por até 12(doze) meses dependendo de solicitação formal por parte do autor, em formulário específico, e deferimento do pleito pela sua Coordenação de curso.

2.1 O documento está em processo de solicitação de registro de patente?

SIM;  NÃO

2.2 O documento será publicado como capítulo de livro?

SIM;  NÃO

2.3 O documento está em processo de submissão de artigo em revista científica?

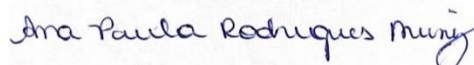
SIM;  NÃO

### 3. DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara que:

- A produção científica especificada é fruto de seu trabalho intelectual de forma original e por isso, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não fere os direitos autorais de terceiros (pessoa ou entidade), tanto quanto lhe é viável saber.
- Existindo material/informação/dado do qual não detém os direitos de autor, assegura que conquistou a autorização do detentor dos direitos de autor para outorgar à Universidade Estadual de Goiás, os direitos requeridos por esta licença, e reitera que os materiais de terceiros estão claramente identificados/citados/referenciados no conteúdo do documento submetido.
- Caso o documento entregue seja baseado em trabalho apoiado ou financiado por outra instituição que não a Universidade Estadual de Goiás, cumpriu todas as exigências do respectivo acordo ou contrato e, portanto, não há embaraço na disponibilização.
- Está ciente do Regulamento do Repositório Institucional da UEG aprovado pela Resolução CsU nº 1107/2023.

Inhumas, 19 de junho de 2024.



---

Assinatura do autor(a)

Ana Paula Rodrigues Muniz



---

Assinatura do orientador(a)

Lílian Barbosa de Moraes

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R696i

Rodrigues Muniz, Ana Paula O impacto da morte do filho na conjugalidade do casal sob a perspectiva da psicologia / Ana Paula Rodrigues Muniz; orientador LÍlian Barbosa de Moraes.  
-- Inhumas, 2024.  
23 p.

Graduação - Psicologia -- Unidade de Inhumas, Universidade Estadual de Goiás, 2024.

1. morte. 2. luto. 3. família. 4. conjugalidade. I. Barbosa de Moraes, Lílian, orient. II. Título.

ANA PAULA RODRIGUES MUNIZ

**O IMPACTO DA MORTE DO FILHO NA CONJUGALIDADE DO CASAL SOB A  
PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte do requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Inhumas, sob orientação da Prof. Ma. Lílian Barbosa de Moraes.

Aprovado em \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

---

Ma. Lílian Barbosa de Moraes – Orientadora  
Universidade Estadual de Goiás

---

Esp. Stéphaney Gutierrez Costa – Avaliadora  
Universidade Estadual de Goiás

---

Ma. Ana Clara Mateus Carvalho – Avaliadora  
UNIFIMES

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente e inquestionavelmente por me dar vida e oportunidade de estar aqui e agora finalizando a graduação que eu tanto sonhei, colocando as pessoas certas e as oportunidades certas nos meus caminhos pra que tudo acontecesse do jeito que deveria.

Aos meus pais, Sirlene e Divino, por terem feito tanto para que eu me formasse, colocando a minha formação como prioridade acima até de si próprios, e sempre me dando a liberdade de escolher qual curso eu gostaria, querendo apenas que eu fosse feliz e realizada com a minha profissão.

Ao meu amor e companheiro, João, por indiretamente influenciar que eu conseguisse finalizar este artigo, ao me oferecer tanto apoio e carinho. A felicidade que eu sinto derrama em cima de tudo que faço.

À minha orientadora Professora Ma. Lílian, por aceitar participar deste trabalho, me oferecendo sua sabedoria, experiência e paciência que foram cruciais para que ele pudesse ser finalizado.

Aos meus irmãos que mesmo longe, conseguem estar tão perto, dentro de mim. Torcendo e rezando pra que tudo caminhasse bem.

E por fim, aos meus amigos pelos momentos de descontração e momentos difíceis que se tornaram um pouquinho mais fáceis pela companhia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>MORTE E LUTO .....</b>	<b>10</b>
<b>A DINÂMICA FAMILIAR NO PROCESSO DO LUTO .....</b>	<b>14</b>
<b>CASAS ENLUTADOS PELA PERDA DO FILHO: SOBREVIVENDO A PERDA .....</b>	<b>17</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## O IMPACTO DA MORTE DO FILHO NA CONJUGALIDADE DO CASAL SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA <sup>1</sup>

ANA PAULA RODRIGUES MUNIZ<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica sobre o impacto da morte do filho na conjugalidade daqueles pais que tem união estável, do ponto de vista da Psicologia e mais precisamente da terapia familiar. Enfatiza-se também o estudo da temática morte e dos processos de luto de forma geral, partindo também para uma revisão dos processos de luto no sistema familiar e suas formas de enfrentamento, que serviram de base para análise das elaborações do luto de casais que perderam seus filhos e as repercussões para o relacionamento. Ficou evidenciado neste estudo, a importância de se ter mais pesquisas sobre a temática em específico à fim de que profissionais de saúde tenham cada vez mais informações e orientações para que possam auxiliar sujeitos, famílias e casais que buscam ajuda durante o enlutamento.

**Palavras-chave:** morte; luto; família; conjugalidade.

### INTRODUÇÃO

O presente estudo destina-se a escrever a respeito do luto, processo esse que é composto por fatores psicológicos, sociais, religiosos e culturais. O que faz com que suas formas de enfrentamento sejam individuais em cada sujeito. Há grande dificuldade em se discutir sobre a morte na cultura ocidental, que vê o assunto com medo e o trata como um tabu (Mercês Brandão, 2009).

Para Kovács (2013) a morte é vista como um tema que causa temor e fascínio, enquanto para uns evoca medo, angústia e reconhecimento da sua finitude; para os artistas é fonte de inspiração para criação de músicas, poemas, dentre outras formas de expressões artísticas e culturais. É esse temor e consciência da finitude que nos faz ter instinto de proteger a própria vida, sendo ainda mais estimulados a essa proteção quando a morte de alguém próximo ou não, acontece.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, à banca examinadora para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, na Universidade Estadual de Goiás (UEG)/Unidade Universitária de Inhumas.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG)/Unidade Universitária de Inhumas.

O luto é um processo natural diante do rompimento de um vínculo, a perda do outro que é o objeto amado. Esse processo mobiliza uma enxurrada de sentimentos comuns à situação que necessitam de atenção e cuidado afim de que não se tornem patológicos.

Embora as famílias passem por perdas naturais inerentes a nossa existência, a morte de um filho é tratada como a pior perda imaginável, já que ela interrompe um ciclo natural da vida onde os mais velhos morrem primeiro. Além dessa frustração, há também a quebra de expectativa da família, mas principalmente dos pais a respeito desse filho que agora está morto, levando em consideração que todo um futuro foi planejado por esses pais, e toda uma experiência foi atribuída a criação deste filho.

Segundo Rando (2000), os pais enlutados descrevem a morte de um filho como uma dor indescritível, antinatural e com impacto devastador. Este acontecimento, para além de constituir uma experiência única e individual, também é uma experiência partilhada pelos pais; estes veem-se confrontados com a perda do filho em conjunto, enquanto casal (Rosenblatt, 2000).

Diante da perda de um filho, os pais tendem a procurar um sentido para o que aconteceu, mesmo que esse sentimento seja acompanhado de revolta. Uma perda repentina como é o caso de acidentes, onde não se teve tempo para se preparar para a morte e passar pelo luto antecipatório leva a um rompimento repentino causador de questionamentos e desorganização extrema na estrutura familiar (Brown, 1995 apud Mercês Brandão, 2009, p.8).

Desse modo, o presente artigo busca revisar novas percepções a respeito do luto dentro do âmbito familiar e compreender mais o desdobrar da morte de um filho para pais enlutados, a reconstrução da identidade após a perda e focalizar a experiência do luto sobre o relacionamento conjugal.

Partindo da hipótese de que ainda há poucos estudos refletindo sobre como a morte afeta diretamente a relação do casal após a morte de um filho, foi realizado através de pesquisa bibliográfica o estudo sistemático acerca do luto familiar e parental, e suas consequências para cada uma dessas relações.

O objetivo é realizar uma revisão teórica através da leitura de autores como Maria Júlia Kóvacs, Colin Murray Parkes, que refletem sobre o enfrentamento da morte e desenvolver um estudo que sirva de base para profissionais e estudantes da área de Psicologia, buscando agregar conhecimento e informação afim de trazer melhor atendimento para casais e famílias que buscam ajuda ao ficarem diante de uma situação de luto. Futuramente o artigo poderá também contribuir para pesquisas relacionadas ao tema, e discussões nas mais diversas áreas do conhecimento que se interessam pelo estudo do luto na cultura ocidental.

## MORTE E LUTO

A morte tem um significado diferente para cada um de nós, seres humanos, que somos provavelmente os únicos seres que buscam entender a finitude da vida e também os únicos que temem pelo fim dela. Além do medo da própria morte há, ao longo da existência, a necessidade de enfrentamento após a perda de um ente querido.

Segundo a autora da obra *Morte e Desenvolvimento Humano*, Maria Júlia Kóvacs (1992), o medo é a resposta psicológica mais comum diante da morte. O medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independentemente da idade, gênero, nível socioeconômico e crença religiosa.

A perda não diz respeito apenas ao fim da vida de alguém, mas inúmeras outras situações podem ser perdidas, como a morte de um animal de estimação, a perda de um emprego, a perda de um plano futuro. Esses exemplos também estão relacionados ao luto e a forma que este sujeito seguirá após o fim do vínculo com o que, ou quem, perdido.

A mudança de vida que é ocasionada decorrente de uma perda tão significativa quanto a perda de alguém querido, resulta na tentativa de se ter novos percursos apesar dos desafios cognitivos e emocionais e a visualização de novas perspectivas a partir daquela perda. Esse luto deixa então de ser “apenas” pela morte de alguém e passa a ser também pela importância do vínculo construído que se tinha com aquela pessoa e o fim da representação que aquela pessoa perdida ocupava (Souza, 2024).

Mas como é possível elaborar melhor o luto, quando se tem tanta dor? Segundo Kóvacs (1992), essa elaboração depende de vários fatores. Um deles são fatores socioculturais como a negação da morte, o terror que essa certeza causa, e a falta de rituais que auxiliem a passagem pelo processo. Além da falta de auxílio individual que poderia ser efetuado por profissionais de saúde realmente qualificados para situações como essa.

De acordo com Evan Imber-Black (1998), em sua contribuição para a obra “*Morte na Família: Sobrevivendo as Perdas*”, os rituais de luto ocorrem em locais específicos como em cômodos de casas, igrejas e cemitérios durante um período de tempo específico, um exemplo é o velório comum à cultura brasileira. Esses rituais possibilitam o suporte e expressão de emoções fortes, além de trazer a sensação de finalização de um ciclo, por mais doloroso que seja. As pessoas se reúnem para chorar uma morte, proporcionando apoio mútuo e expressão da dor e perda em um contexto criado para promover a conexão interpessoal. Esses processos podem agir em diversos níveis, marcando mudanças nas relações, ratificando a perda da família e possibilitando a elaboração de toda a comunidade. Durante a pandemia de covid-19 esses

rituais ficaram proibidos de acontecer devido a chance de contaminação, esse acontecimento trouxe profunda dor a grande parte das famílias que sentiram a falta da possibilidade de se despedirem do ente querido.

Para além dessas variáveis, ainda existe o fato de que tempo de luto é subjetivo e pode durar anos, já que quanto maior o investimento afetivo com que se tinha com a pessoa que morreu, maior energia será necessária para o desligamento. E nesse caso o desligamento envolve o desapego de lembranças, expectativas vinculadas à aquela pessoa, e apenas com a realização do desinvestimento de cada um desses fatores (que podem ser variados), que apesar da possibilidade de ser lento e doloroso, é que surge a possibilidade de novos vínculos (Kóvacs, 1992).

Kóvacs (1992) ressalta que as causas e circunstâncias da perda também tem relevância no processo de elaboração do luto. O autor Colin Murray Parkes (2009), acrescenta que existem maiores consequências psicológicas no luto quando ele é ocasionado por mortes súbitas inesperadas e prematuras, trazendo maior possibilidade de complicações do que aquelas que foram preparadas ou antecipatórias, como é o caso de pacientes terminais.

Nestes casos, segundo Elizabeth Kübler-Ross (1998), há vários motivos para se fugir do enfrentamento da morte sem tabu. Uma das mais importantes nos dias atuais é que morrer é triste demais sob vários aspectos. Sobretudo é muito solitário, muito mecânico e desumano. E é por isso que o luto se torna tão doloroso e angustiante. Pode ser que, em situações assim, para Kóvacs (1992) essa dor se agrava ainda mais quando existia uma dependência física e psíquica, tornando a reorganização do trajeto da vida ainda mais difícil.

O processo do luto é visto, de forma geral pelos teóricos, semelhante a uma ferida física mais do que qualquer outra doença. A perda pode ser referida como um choque, e assim como no caso de uma ferida, esse machucado aos poucos se cura. No entanto, ainda pode ocorrer complicações, e a cura para pode ser mais lenta ou um outro ferimento se abre naquele que estava quase curado, como foi refletido por Parkes (1998).

A dificuldade que existe de se vivenciar o luto de modo esperado deriva do fato de ele ser um processo, e não um estado. Envolve uma sucessão de quadros clínicos que se mesclam e se substituem. Esses chamados “quadros clínicos” são também chamados por estágios do luto, que foram elaborados e estudados por Kübler-Ross (1969) após trabalhar com 500 pacientes terminais e seus familiares. Segundo a autora, os estágios são: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação.

No estágio da negação, é comum o isolamento e como defesa o sujeito prefere não falar sobre o assunto. Nessa fase também é comum, de acordo com Kübler-Ross (1969), que algumas expressões sejam usadas como: “não” ou “isso não pode ser verdade”, sendo considerada uma defesa psíquica que permite que a dor seja adiada.

Na raiva ocorre uma angústia muito forte ao se deparar com uma situação que não pode ser alterada, e essas emoções passam a ser projetadas para o ambiente e para aqueles que estão por perto. Falas como “por que isso aconteceu comigo?” e a busca por um culpado externo também são comuns. Inclusive é possível que mesmo indivíduos que tem bastante proximidade com algum tipo de religião se sintam revoltados com Deus (Kübler-Ross, 1969).

A negociação, ainda de acordo com Kübler-Ross (1969), ou também chamada de barganha, pode ocorrer antes ou depois da perda, e se trata da tentativa de negociar para que o fato não seja verdade ou em casos onde o luto é antecipatório à morte, a barganha acontece no sentido de tentar negociar com Deus para que aquela pessoa não morra. Nessa fase também pode vir o sentimento de culpa, onde o sujeito enlutado acredita que poderia ter feito algo diferente.

Já na depressão que é a quarta fase, ocorre profunda tristeza podendo haver a sensação vazio e melancolia, que são sensações normais para a situação e não devem ser entendidas como um estado patológico. Kübler-Ross (1969, 2005) chama atenção para o cuidado que se deve ter para que não haja medicalização desnecessária para pessoas enlutadas no estágio da depressão, e ressalta a importância de que somente seja utilizado em casos de extrema necessidade e acompanhados pela psicoterapia.

Por fim, a aceitação (Kübler-Ross, 1969) é sentida através de emoções como serenidade e compreensão, sem desespero e negação. Nessa fase o sentimento de resignificação da nova realidade e da falta que ocupa a pessoa que morreu, não impedem que haja tristeza ou significa que tudo está resolvido, mas sim o entendimento que a vida segue apesar daqueles que se foram.

No que diz respeito às fases do luto, segundo Parkes (1998), há diferenças consideráveis de uma pessoa para outra, tanto no que se refere a duração quanto a forma de cada fase. Apesar de existir um padrão comum, os estágios do luto podem se alternar de forma diferente em cada sujeito, não seguindo necessariamente uma única ordem e nem mesmo tendo um tempo limitado para que ocorram. Por exemplo, é possível que pais que já aceitam a morte do filho depois de anos podem novamente sentir revolta após o causador daquela morte voltar à tona.

Parkes (1998) faz uma outra importante observação ao dizer que há outros dois fatores que são determinantes para qualificar a reação global de uma perda, que são o estigma e a

privação. O estigma diz respeito a forma que o indivíduo enlutado é tratado pela sociedade após o momento da perda, sendo apenas uma pessoa em luto e nada mais que isso. Já a privação significa a falta de tudo aquilo que era oferecido pela pessoa que morreu à pessoa enlutada. Podemos citar como exemplo falecimentos de bebês que ainda estavam sendo gestados, e após sua perda esses pais recebem uma quantidade por vezes exagerada de atenção e são constantemente estimulados a falarem do assunto por onde passam, sendo vistos apenas como “pessoas que perderam o bebê” e não como pessoas constituídas por tantas outras histórias. Estes pais também precisam lidar com a falta do filho perdido, um quarto desocupado, um berço que nunca foi usado, roupas que nunca foram vestidas.

Em continuidade ao diálogo sobre morte e luto, na concepção de Bromberg (2000), o luto no contexto da Teoria do Apego elaborada por Bowlby (1988-1989), é uma resposta à separação de uma pessoa com quem o enlutado tinha uma relação significativa, dessa forma a morte lhe causa sofrimento. A intensidade desse sofrimento, sua normalidade ou patologia está relacionada ao vínculo que havia entre essas duas pessoas. Se esse vínculo se tratava de um apego seguro, o sujeito terá maior “facilidade” no enfrentamento do luto. Para aqueles que tinham apego ansioso, onde não havia desenvolvimento de autoconfiança e autoestima, com a morte haverá maior dificuldade na elaboração da morte.

Nesse raciocínio, para Kóvacs (1992) o que deve ser ponto de atenção é a possibilidade de um luto mal elaborado. Isto leva a lutos patológicos, como é o caso do Transtorno de Luto Prolongado que após 10 anos de estudos, em 2022 passou a ser considerado um transtorno psiquiátrico, sendo identificado na Classificação Internacional de Doenças (CID-11) com o código CID-11-6B4. No luto mal elaborado há a presença de uma depressão persecutória e carregada de culpa que podem levar o sujeito a pensamentos de autoextermínio ou ter atitudes autodestrutivas. Conquanto, no luto em seu processo de elaboração “normal” ocorre através da experimentação da dor do sofrimento e identificação dos sentimentos envolvidos, segundo Parkes (1998).

Atualmente, o luto sem complicações se encontra incluído no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) na categoria intitulada por “outras condições que podem ser foco da atenção clínica” onde é evidenciado a necessidade de atenção devido aos sintomas serem característicos de um episódio de depressão maior, porém comuns ao estado de luto. Como é o caso do episódio depressivo que quer dizer um estado passageiro onde há dificuldade de realizar atividades diárias, mas sem grande prejuízo no funcionamento geral. Esse episódio depressivo está incluso nos estágios do luto, como foi observado por Kübler-Ross

(1969), se diferenciando do transtorno depressivo maior através do tempo desde o início dos sintomas e o prejuízo causado ao paciente.

Fica então, bastante claro que apesar de uma vasta literatura que trata sobre a temática de perdas, morte e luto, muitas questões estão profundamente envolvidas dentro de cada indivíduo de formas diferentes, inclusive por causa de contextos culturais. O que torna até mesmo possível que uma diversidade de teorias seja criada, como as que foram citadas anteriormente. Entretanto, para profissionais de saúde é importante reconhecer os mínimos padrões em cada sujeito, para que o luto com indicações de patologia seja tratado e evitado. Sabendo disso, é importante que haja um olhar cuidadoso não só para um único indivíduo enlutado, mas também para o enfrentamento do luto enquanto unidade familiar e para o funcionamento dessa família após a perda de uma pessoa próxima. Se há dificuldade por parte do profissional de se orientar uma só pessoa no processo de elaboração do luto, é necessário então que estes profissionais estejam prontos para orientar um núcleo familiar inteiro.

### **A DINÂMICA FAMILIAR NO PROCESSO DO LUTO**

A existência da morte automaticamente implica a existência da vida. Aceitar essa experiência como parte comum da evolução e do ciclo da vida talvez seja o maior desafio que enfrentamos. E parte desse desafio também é perceber a perda como uma experiência transformadora. “Não existe amor sem perda. E não existe a superação da perda sem alguma experiência de luto. Não ser capaz de vivenciá-la é ser incapaz de entrar no grande ciclo de vida humana, de morte e renascimento – ser incapaz, isto é, de viver novamente” (Lifton, 1975, apud Walsh e McGoldrick, p. 53).

Mesmo quando o efeito de uma morte é percebido, ainda falta referencial teórico para conseguir compreender em sua totalidade, ou próximo disso, o impacto que certas perdas podem ocasionar nos processos familiares, isso ocorre devido a negação insistente acerca do tema. Considerando este fato, torna-se importante discorrer acerca das implicações da perda na família antes mesmo de refletirmos sobre as complicações no relacionamento conjugal. Por isso Froma Walsh e Mônica McGoldrick com a participação de diversos autores escreveram o livro “Morte na família: sobrevivendo as perdas”.

O livro idealizado inicialmente por Froma Walsh (que é psicóloga clínica e terapeuta familiar nos Estados Unidos) e Mônica McGoldrick (terapeuta de família globalmente conhecida) foi publicado pela primeira vez em 1995, e traduzido em 1998. A obra conta com colaboração de diversos autores para a criação desta obra que faz uma reflexão de forma ampla

e detalhada a respeito do luto familiar do ponto de vista clínico, trazendo casos pessoais de momentos perda, buscando trazer referencial a mais para profissionais que acompanham indivíduos e famílias em luto. O livro busca também, segundo Walsh e McGoldrick, examinar o impacto da perda sobre o sistema familiar e considerar os processos “normais” e disfuncionais no processo de luto de cada família, levando em consideração o seu contexto cultural.

Portanto, para Walsh e McGoldrick (1998) a partir de uma perspectiva familiar sistêmica, a perda pode ser vista como um processo que envolve o morto e os sobreviventes em um ciclo de vida comum, que reconhece tanto a finalidade da morte como a continuidade da vida. O processo de perda tem implicações na adaptação de cada família em experiências posteriores àquela perda e os desdobramentos até para aqueles sujeitos que não estão diretamente ligados ao membro da família que morreu.

Murray Bowen (1976), um dos autores que contribuíram para a criação do livro citado, descreveu o impacto perturbador da morte ou da própria ameaça de perda sobre o equilíbrio funcional da família, levando em conta a relação emocional da família no momento da perda e a importância funcional que aquele membro que morreu ocupava naquela família. Uma família mais integrada pode ser mais reativa a curto prazo, e se reajustar com mais facilidade em contraste com uma família menos integrada, que demonstra pouca reação de imediato, porém sofre com consequências psicológicas e físicas após um período de tempo.

A morte traz desafios para a readaptação que são comuns diante de situações como essa, portanto uma reorganização imediata e de longo prazo são necessárias, além de mudanças nas definições de cada papel e os objetivos da família. Ponderando isso, é compreensível que o equilíbrio emocional e funcional da família seja alterado por um tempo, já que a readaptação juntamente com o sofrimento causado pela perda se torna uma tarefa difícil. Contudo, o reconhecimento da perda através da comunicação clara e aberta auxiliam na capacidade de entender a realidade da morte e evitar que haja distanciamento entre os membros da família ao perceberem que cada um avança em seu processo de luto da sua própria maneira (Walsh e McGoldrick, 1998).

Leulis, Beaver, Gossett e Phillips (1976) também contribuíram na escrita do livro, com a temática apresentada neste texto quando refletiram que a capacidade de aceitação da perda está na essência de todas as relações familiares saudáveis, que são aquelas que mostram padrões de adaptação esperadas diante de situações de perda ou mudanças de forma geral. Quando as famílias podem se reunir e compartilhar a sensação subjetiva gerada por aquela experiência, mudanças positivas podem vir a acompanhar o luto, e fortalecendo a relação entre cada um

destes membros da família. A comunicação assim como em qualquer situação também é vital neste processo, mesmo que cada família ou cada pessoa tenha sua própria configuração sobre a expressão de sentimentos.

É válido entender que a adaptação que é necessária para um grupo familiar, e também para quaisquer sujeitos em sofrimento diante da morte de alguém, não quer dizer necessariamente que há a necessidade de se ter esse processo de luto totalmente resolvido. Adaptação neste sentido não quer dizer resolução, mas sim a descoberta de maneiras de não colocar a perda em perspectiva e seguir em frente com a vida.

Nessa perspectiva, há também o auxílio de profissionais da saúde mental para ressignificar essa perda com esses sujeitos buscando estimular a experimentação do processo de luto de uma forma esperada, dialogando sobre aquilo que ninguém quer falar: a morte do membro da família. A evitação do assunto tanto por parte do paciente, quanto do terapeuta pode indicar um prejuízo na capacidade do profissional diagnosticar e tratar um problema sistêmico familiar de forma correta, como foi refletido por Norman Paul (1982).

A respeito de agravamentos dos processos de luto, de acordo com McGoldrick e Walsh (1983), existem fatores que podem ser agravantes no processo de elaboração do luto familiar, são eles: perdas prematuras; aparecimento de sintomas que coincidem com o momento da perda; múltiplas perdas ocorrendo em momentos relacionados; e a perda traumática. Além destes, o luto pode ainda se tornar mais complicado quando há questões emocionalmente tensas ou rompimentos entre as gerações da família em questão, que se tornaram longos demais.

Nesse sentido, a terapia sistêmica familiar, busca de forma possível aproximar os membros afastados e promover uma união intergeracional com o intuito de fortalecer os membros dessa família para que consigam lidar com a perda. Walsh (1989) acredita que uma revisão familiar conjunta pode ser valiosa para estruturar o compartilhamento de lembranças no curso do ciclo de vida da família.

É fundamental que os padrões de adaptação às perdas sejam investigados pelo profissional em cada família, já que um dos aspectos primordiais da terapia em família é orientar as famílias a lidarem com a morte (McGoldrick e Gerson, 1985, 1989). Quando estas famílias não passam de forma adequada pelo luto de suas perdas, elas não conseguem seguir em frente com suas vidas e seus objetivos. Os membros desse grupo familiar podem inclusive se culparem ou culparem uns aos outros pela morte que aconteceu. E até podem tentar transformar outros sujeitos em substitutos para àquele papel que agora já não é mais ocupado, causando

expectativas fantasiosas para ambos os lados, atrapalhando a construção de novas relações que poderiam ocorrer da maneira esperada (McGoldrick, 1995).

Por outro lado, quando membros da família conseguem se comunicar abertamente entre eles a respeito de uma morte, independente da circunstância, e participam juntos de rituais que são culturalmente importantes como os rituais funerários, a perda passa a ser vivenciada de forma integralizada. O que não significa que em datas específicas como aniversários, feriados ou até em momentos de reunião da família, o sentimento de luto não possa retornar. Ao mesmo tempo a família precisa se ajustar com a ausência daquele sujeito que já não está mais presente (McGoldrick, 1995).

Observando as repercussões multigeracionais da perda, podemos entender um pouco de como as famílias funcionam, o que acontece quando ficam paralisadas por seus problemas e de que forma podem reorganizar estes padrões. A perda pode dar forças àqueles que estão vivos despertando o desejo de realizarem seus objetivos ou por outro lado pode deixar uma marca irreparável, caso não seja devidamente enfrentada.

Assim, se famílias enlutadas conseguem por um momento e com esforço que somente eles conseguiriam descrever, passar a se comunicarem e expressarem individualmente e no coletivo, cada um à sua maneira, alguns avanços favoráveis podem vir à acompanhar esse luto, trazendo no final das contas uma fonte de força e coragem para esse grupo familiar. E o que antes era só dor, com o auxílio de um profissional de terapia familiar, uma “luz” pode surgir no meio de um pesadelo. E aprofunda-se ainda mais essa necessidade quando se tratando de um casal após a perda um filho, que apesar de às vezes procurarem por apoio externo, precisam nesse momento principalmente do apoio um do outro. O que nem sempre é alcançável, devido as dificuldades que são agora enfrentadas por eles.

### **CASAIS ENLUTADOS PELA PERDA DO FILHO: sobrevivendo a perda**

Algumas mortes têm mais impacto sobre uma família do que outras. Porém a morte de um filho, frustrando as expectativas geracionais, é talvez a perda mais dolorosa para uma família já que ela altera o ciclo vital. Acerca disso, Freud escreveu uma carta para sua filha que faleceu ainda jovem devido a gripe espanhola:

Ainda que saibamos que, logo após a perda, o estado de luto agudo se minimiza, também sabemos que seguiremos inconsoláveis e que jamais encontraremos um substituto. Não importa quando chegará o vazio, ou se chegará plena ou parcialmente; se permanecerá para sempre, ou se trará algo diferente. E, na realidade, é assim que deve ser. É a única maneira de perpetuar esse amor ao qual não queremos renunciar (Freud, 1929, apud Costa dos Reis, et. al., 2021, p. 7).

Destaca-se a partir da leitura dessa escrita de Freud (1929, apud Costa dos Reis, et. al., 2021, p. 7) que há uma resistência em elaborar o luto após a perda do filho por medo que isso represente o esquecimento do filho. Nesse sentido é percebido que os pais “provam” seu amor ao sofrer permanentemente. Parece então que, para os pais, superar a perda, trará culpa a estes pais. É necessário então, que para elaborar este sentimento, os pais consigam redirecionar a lembrança e o amor que permanece, de forma saudável, tendo em mente também que a morte não significa o fim de todos os momentos que foram vividos enquanto este filho ainda estava vivo. Significa apenas o fim daqueles momentos que poderiam ter acontecido e não acontecerão mais. E entender também que essa não permissão silenciosa para deixar de sofrer pela perda do filho se trata de um estigma social, onde as pessoas ao redor estão reparando discretamente de que forma estes pais irão lidar com o luto do filho.

Mortes consideradas prematuras causam nos familiares a sensação de injustiça, pelo fato de uma vida ter sido perdida antes que conseguisse alcançar a plenitude. O luto passa então a ser não apenas pela partida do filho, mas também por tudo aquilo que foi esperado pelos pais, pelos familiares em relação ao futuro daquela pessoa. Com relação a isso, Caselatto (2002) considera que o luto parental por si só já é um fator de risco para o desenvolvimento de um luto complicado e eventualmente aparece como um luto crônico nos pais. O autor afirma que a mudança no ciclo natural da vida com a morte antecipada de um filho é considerada o pior tipo de perda já que a maioria dos pais veem seus filhos como uma extensão de si mesmos, além da expectativa criada para o futuro destes filhos.

Para Walsh e McGoldrick (1998) a perda de um filho não é apenas a perda de uma extensão dos pais no sentido biológico, mas também psicológica por ter sido investido cuidado, atenção e carinho. Essa sensação vem acompanhada de um sentimento controverso de culpa ao acreditarem que apesar de se ter investido cuidado e atenção, ainda assim não foi o suficiente para protegerem o filho da morte.

Nesse sentido, o filho sendo fonte de energia psíquica, acaba por interferir na estrutura e unidade familiar, desempenhando um papel no crescimento dessa família. De acordo com Rando (1991) o nascimento de um filho é um acontecimento pessoal que pode gerar um senso de competência, distinção, produtividade e ajuda para o futuro. Desse modo, a morte desse filho que agrega tantos papéis para a família, deixa uma lacuna nas expectativas dos pais de que seria a prova do potencial e os resultados de toda a educação investida que foram feitos por eles.

A dor e a culpa de ter sobrevivido junto com a frustração da falta de poder sobre a vida, podem impedir os pais e irmãos de continuarem seus próprios caminhos. E como a

parentalidade está inevitavelmente entrelaçada à conjugalidade, é observado que a relação do casal fica particularmente abalada com risco de separação ou divórcio conforme passa o tempo.

A partir da conjugalidade subsistemas são formados, entre eles está a parentalidade. Quando um casal se torna pais de uma criança em comum, a parentalidade e conjugalidade passam a andar juntas (Rosset, 2004 apud Reis e Silva, 2009, p. 92). E para cada sujeito em uma relação, essa ligação entre o casamento e a parentalidade é vista e sentida de uma forma. É por isso, que muitas vezes após a morte de um filho, quando a parentalidade “acaba” um dos cônjuges acredita que acaba também o casamento, pois já não vê mais sentido em seguir com a relação.

Nessa perspectiva, podemos afirmar também que o fato da morte isolado não é o causador do distanciamento entre os casais, muitas variáveis estão envolvidas para que isso ocorra, como: fatores situacionais (causa e tipo de morte); características do relacionamento e do casal antes da perda do filho; o processo do trauma individual, religião e o apoio social (Bianca Jesus, et. al., 2024). A qualidade do relacionamento e a interdependência do casal também é um fator importante para o ajustamento do relacionamento após a morte desse filho.

Na pesquisa bibliográfica realizada neste artigo, observamos em uma diversidade de estudos do material consultado, que há um impacto emocional considerável quando a morte ocorre antes que o filho atinja o primeiro ano de vida. Isso pode estar ligado ao fato de a família estar numa fase precoce do ciclo da vida, na fase inicial da paternidade, quando existe uma maior necessidade de os pais trabalharem em conjunto. Por isso, pode acontecer que os parceiros projetem seus sentimentos de culpa um no outro, na tentativa de se ter uma explicação para aquela morte, mesmo que ninguém tenha de fato uma relação direta com a causa do falecimento.

Observa-se também que quando a conjugalidade e a parentalidade estão entrelaçadas de forma tão íntima que já não existe um limite entre uma e outra, qualquer crise em um dos dois lados pode afetar o outro lado. A perda de um “pedaço de si próprio” como é muitas vezes expressado pelos pais, mostra como a morte desse filho pode impactar diretamente na relação do sujeito com ele mesmo e conseqüentemente com aquele que convive com esse sujeito.

A diferença na intensidade do luto de cada um pode comover negativamente no bem estar da relação. Essa percepção do outro tendo um luto diferente, pode causar a sensação de ser incompreendido pelo companheiro, induzindo ao sentimento de solidão (Buyukcan-Tetik et al., 2017 apud Bianca Jesus, 2024, p.5471). Dois sujeitos sofrendo pelo mesmo motivo, que evitam falar sobre o assunto e suas opiniões sobre ele, isolados e afastados. Em decorrência

desse afastamento há a perda da intimidade entre o casal que conseqüentemente leva a mudanças na relação sexual do casal, se tornando mais um fator que coloca a relação em risco.

Os parceiros são muitas vezes a principal fonte de apoio e conforto um do outro, por isso é importante que haja comunicação entre eles, colocando em perspectiva a possibilidade de se ter o luto partilhado, acompanhando o processo de recuperação um do outro através da solidariedade e escuta empática. É importante frisar que em momentos como esse, apenas a presença física do cônjuge não será suficiente, também é necessário a compreensão que precisa vir dos dois lados (Morelli e Scorsolini-Comin, 2016).

Na prática clínica em Psicologia (Morelli e Scorsolini-Comin, 2016), o termo “sentir-com” diz respeito a uma empatia com o outro, onde o sujeito ao se colocar no lugar do seu parceiro, passa a sentir o mundo através do outro. A empatia colabora para que se torne possível um melhor entendimento do lugar que o outro está ocupando e estabelecer uma intimidade real. Nesse sentido a capacidade de “sentir-com” pode ajudar casais enlutados a caminhar juntos rumo a uma reconfiguração do matrimônio e da família.

Com base na teoria winnicottiana (Winnicott, 1979/1983), o enlutado que encontra no parceiro uma sustentação para que possa passar por essa experiência sem se desestruturar e desintegra-se terá mais facilidade de superação. Essa sustentação é chamada por Winnicott (1979/1983), de *holding*.

O *holding* também é ofertado pela mãe ao filho desde os primeiros cuidados e serve para que diante de experiências negativas, o sujeito ou nesse caso o bebê, possa confiar nas relações estabelecidas e obter pontos positivos das experiências ruins que são naturalmente parte do nosso ciclo de vida. Nesse viés, Oishi (2014) destaca que o envolvimento prévio do casal e a forma que seu relacionamento se configurava auxilia no ajustamento dos parceiros após a perda, entretanto essa reconfiguração pode se tornar complicada caso um dos cônjuges permaneça fixado à perda.

O respeito pela dimensão pessoal de cada um dos parceiros e a sua relação individual com o filho pode contribuir para uma forma de lidar com o luto em conjunto, tendo consideração com os movimentos de cada um, além da possibilidade de utilizarem a sua conjugalidade como recurso privilegiado no enfrentamento do luto, se ajudando ao ter em mente que ambos estão passando pela mesma experiência e, portanto, os dois sabem como é a perda de um filho.

No curta-metragem animado intitulado por “Se algo acontecer...te amo” de Michael Govier e Will McCormack (2020), dois pais são mostrados enquanto lidam com a morte da filha que ainda era criança, vítima de um tiroteio na escola. Ao longo da animação é possível

ver os cônjuges passando pelo vazio emocional em um lar entristecido, que um dia já foi tão fortemente alegre.

A animação feita com desenhos à mão, apresenta uma emocionante viagem entre presente e passado se oscilando, com cores específicas para cada emoção que é sentida ao longo da história, comovendo o espectador ao dialogar sobre a efemeridade da vida. No curta, um casal inicialmente afastado devido a perda que agora marca a vida deles, se mostram invadidos pela falta da sua filha e as memórias deixadas por ela, vivendo em silêncio dentro dos seus lutos individuais, e que com a passagem do tempo buscam se reconectar e consertar as fraturas desse relacionamento.

Distribuído pelo streaming de vídeo *Netflix*, a obra que serviu de inspiração para este artigo, contém apenas 12 minutos de duração e traz uma reflexão importante sobre o impacto causado na relação de pais, após a perda de um filho.

É possível observar que o padrão de relacionamento conjugal anterior à perda determina o impacto do luto na relação, podendo surgir reações exacerbadas e acentuar diferenças (Rando, 1997). Por isso é possível que relações que sofriam desgastes e dificuldades antes mesmo que a perda ocorresse, podem não resistir ao processo do luto. É possível ainda que muitos pais possam se refugiar no processo de divórcio como forma de se afastarem da realidade em que vivem, que pode ser característico estado de negação, ao ocupar uma situação que causa dor com outra situação que tome tempo.

Existe uma quantidade considerável de autores e leituras que refletiram a respeito do luto conjugal após a perda de um filho, por isso é observado uma diferença de teorias sobre questões particulares do filho que impactam o luto dos pais. Alguns autores concordam que a idade que o filho morreu é o maior causador de dor e dificuldades no luto, enquanto outros autores afirmam que a causa da morte é o maior impactante do luto. Apesar dessas diferenças de reflexões, todos sempre afirmam a importância que o relacionamento anterior à morte tem sobre a relação após a morte.

Rando (1985) em sua colaboração para o livro de Walsh e McGoldrick (1998) por exemplo, afirma que a morte de um filho criança tende a ser profundamente perturbadora para a família toda. E seu sofrimento costuma persistir por anos e se intensificar com o tempo. Segundo ele, o efeito tende a ser devastador para o casamento e saúde dos pais. Viorst (2005, apud Siega 2008) por outro lado, observa que a morte de um filho já crescido é causadora de dor mais profunda e duradoura para os pais, pois esses filhos adultos tem a vida interrompida em um momento de muitas aspirações e planos.

De toda forma, independentemente da idade em que ocorre a morte deste filho, é de concordância geral dos autores que a dor é inominável e por isso muitos casais sofrem para conseguir encontrar seus caminhos de volta um para o outro, quando ambos estão sofrendo pelo mesmo motivo, mas de formas diferentes, causando dificuldade de se comunicarem e compartilhar o momento que estão passando.

Evidenciamos com a pesquisa que, existem casos em que parece haver uma espécie de pacto de silêncio nos casais, quando os dois evitam conversar sobre a perda, a ausência e a saudade com receio que o outro se entristeça. No entanto, quando o silêncio é rompido, eles são tomados por uma sensação de alívio ao poder compartilhar a experiência (Rando 1997; Rosenblatt; Barner 2006).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Existe um número significativo de profissionais envolvidos com pais enlutados que sem um preparo especializado ficam desconfortáveis com a situação e sem condições de auxiliar. Por isso, esta pesquisa bibliográfica buscou ampliar a discussão que pouco se tem sobre casais e em particular, pais que perderam seus filhos; e ao trazer mais discussões sobre a temática, o objetivo foi de evitar a alienação de profissionais envolvidos no trabalho de recuperação destes sujeitos, inclusive profissionais de psicologia.

Ao longo do presente estudo foi feito inicialmente uma reflexão acerca da morte; a reorganização do núcleo familiar após a perda de um membro da família; em seguida foi explorada leituras relacionadas a morte do filho, de que forma os pais enquanto casal elaboraram o luto, e quais aspectos são importantes para que haja separação ou não dos cônjuges após a perda.

Ao estudar as repercussões de um fato intrínseco à vida e tão inimaginavelmente doloroso quanto a morte de um filho, um espaço foi promovido para que as vozes destas famílias fossem ouvidas e suas dores chegassem próximas de serem compreendidas. Com isso, é possível estejamos um pouco mais orientados teoricamente para dialogarmos com famílias e casais que passam por situações como essa.

De acordo com Parkes (2009), a dor do luto é tanto parte da vida quanto a alegria de viver, e talvez seja o preço que pagamos pelo amor. Nesse sentido, o preço do compromisso é a possibilidade de perdermos as pessoas que amamos, e mesmo que haja um processo natural onde os mais velhos morrem primeiro, não é possível afirmar que sempre será dessa forma.

Todos nós seres vivos, estamos destinados à nos tornarmos “seres mortos” com ou sem a nossa vontade, independentemente de qualquer aspecto seja ele social, físico ou emocional.

Sendo assim, por mais que tenhamos consciência da efemeridade da vida jamais estamos prontos o suficiente para discutir com naturalidade sobre a morte: a nossa própria e a dos outros. Logo, deve-se destacar a importância de tornar essa temática mais natural possível na nossa cultura. Tomar a morte como algo natural e esperado, independente de questões religiosas, poderá facilitar o aprofundamento de estudos que buscam ajudar àqueles que sofrem com uma perda.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIATION, American Psychiatric. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 717 p.

BRANDÃO, Flávia Renata Mercês. **A repercussão da morte de um filho na organização e estrutura familiar: uma revisão de literatura**. 2009. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0184.pdf>. Acesso em: 29 set 2023.

BROMBERG, Maria Helena. **A psicoterapia em situações de perdas e lutos**. Campinas: Editorial Psy, 2000.

CASELATTO, G. **Luto pela perda de um filho: a recuperação possível diante do pior tipo de perda**. In: FRANCO, Maria Helena Pereira. **Uma jornada sobre o luto: a morte e o luto sobre diferentes olhares**. Campinas: Livro Pleno, 2002, p. 11-21

COELHO FILHO, João; LIMA, Deyseane Maria. **Luto parental e construção identitária: compreendendo o processo após a perda do filho**. *Psicologia Argumento*, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/18432/pdf>. Acesso em: 28 set 2023.

GRIGOLETO NETTO, José Valdecí. **As fases do luto de acordo com Elizabeth Kübler-Ross**. 2015. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/2856>. Acesso em: 14 mai 2024.

JESUS, Bianca, et. al. **Qual é o impacto do luto pela morte de um filho na relação do casal?** *Curitiba: Brazilian Journal of Health Review*, v. 7, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n1-443>. Acesso em: 17 mar 2024.

KÓVACS, Maria Júlia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer: O que os pacientes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 7. ed. São Paulo: 1996.

MORELLI, Ana Bárbara; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **Repercussões da Morte do Filho na Dinâmica Conjugal de Casais Religiosos**. *Temas em Psicologia*, vol. 24, núm. 2, 2016, pp. 565-577. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v24n2/v24n2a10.pdf>. Acesso em: 28 set 2023.

OISHI, Karen Lie. **O jardim de Julia: A vivência de uma mãe durante o luto**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100002>. Acesso em: 21 mai 2024.

PARKES, Colin Murray. **Luto: Estudos sobre perda na vida adulta**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

- RANDO, Therese A. **Clinical Dimensions of Anticipatory Mourning:** Theory and Practice in Working with the Dying, their Loved Ones, and their Caregivers. Chicago, IL: Research Press, 2000.
- RANDO, Therese A. **Parental Loss of a Child.** Illinois: Research Press, 1997.
- RANGEL, Alda Patrícia Fernandes Nunes. **Amor Infinito:** Histórias de pais que perderam seus filhos. 1. Ed. São Paulo: Vetor, 2008.
- REIS, Cristine Gabrielle da Costa dos, et. al. O Luto de Pais: Considerações sobre a perda de um filho criança. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2021, v. 41. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003196821>. Acesso em: 23 mai 2024.
- ROSENBLATT, Paul. **Parent Grief:** Narratives of Loss and Relationship. 1.ed. Philadelphia: Routledge, 2000.
- SE ALGO acontecer...te amo. Direção: Michel Govier; Will McComarck. Netflix, 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81349306>.
- SIEGA, Caroline Michels. **Aspectos emocionais envolvidos no processo de perda e luto nas diferentes fases do ciclo de vida familiar.** Florianópolis: Instituto Familiare, 2008. Disponível em: <http://institutofamiliare.com.br>.
- SILVA, Daniela Reis e. E a vida continua. **O processo de luto dos pais após o suicídio do filho.** São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/15898>.
- SOUSA, Patrícia Azevedo de. **Das perdas ao luto:** compreendendo a relevância dos vínculos. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/handle/123456789/60367>. Acesso em: 20 mar 2024.
- WALSH, Froma; MCGOLDRICK, Mônica. **Morte na família:** sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998.